SOJA

A FRUSTRAÇÃO DA SAFRA NORTE-AMERICANA CONSEGUIU ALTERAR SUBSTANCIALMENTE OS RUMOS DO MERCADO INTERNACIONAL. NO BRASIL, A PERSPECTIVA DE UMA BOA COMERCIALIZAÇÃO, ESPECIALMENTE DO ÓLEO, ESTÁ ESTIMULANDO UM EXTENSO PLANTIO.

O mercado da soja poderá mostrar um renovado vigor, numa conjuntura internacional de preços em ascensão, pois à medida em que avançavam os meses de julho e agosto, importantes regiões produtoras nos EUA registravam um clima excessivamente quente e seco. O reflexo dos danos às lavouras norte-americanas logo se fez sentir, aquecendo o mercado internacional, após um longo período de estagnação.

É bem verdade que também os preços internos dos demais produtos agrícolas, vistos sob a ótica da formação das intenções de plantio, são bastante favoráveis. Isto é, as perdas com as chuvas no Sul e com o quinto ano consecutivo de seca no Nordeste, vêm mantendo os preços de milho, arroz, feijão e outros em acelerado ritmo de crescimento.

Esses produtos poderiam competir por áreas com a soja (o milho poderá fazê-lo) no entanto, normalmente, sofrem de maior instabilidade de preços na comercialização além de, por serem produtos destinados basicamente ao mercado interno, apresentarem maior suscetibilidade a uma retração de demanda por força do achatamento salarial e da redução do nível de emprego na economia.

O complexo soja, ao contrário, na safra 1983/84, contará também com o estímulo originário do exterior, devido à redução da oferta mundial do grão e, em conseqüência de seus derivados, bem como de óleos vegetais em geral.

Isso significa que se delineia um quadro geral favorável para a soja no que diz respeito à próxima safra. Efetivamente, a formação das intenções de plantio começa com os resultados da última safra. A produção de 1982/83, após um excelente desenvolvimento durante todo o verão, enfrentou chuvas torrenciais na colheita, que fizeram com que a produção total do país, estimada pelo IBGE, em abril, em 16,1 milhões de t se reduzisse para 14,6 milhões de t, sendo que só o Rio Grande do Sul teria perdido 900 mil t. Nesse estado, a produção de sementes foi bastante afetada, o que se constituirá numa limitação ao plantio em 1983/84.

A receita auferida pelos sojicultores, em 1983, por seu turno, não foi de todo insatisfatória, já que a produtividade e os preços podem ser considerados também razoáveis. A produtividade média brasileira, atingiu, segundo o IBGE, 1.789 kg/ha, a mais elevada dos últimos seis anos. Mesmo o Rio Grande do Sul, onde ocorreram as maiores perdas, registrou 1.548 kg/ha, número bem próximo dos melhores rendimentos já alcançados naquele estado. As lavouras de Santa Catarina, obtiveram o pior resultado – apenas 1.128 kg/ha.

É importante ressaltar, entretanto, que os da-

dos de rendimento médio não dizem tudo. Como os prejuízos foram uma conseqüência da impossibilidade de colher o produto, possivelmente perderam mais aqueles que não dispõem de máquinas, produtores de menor porte que alugam colheitadeiras depois de seus donos as terem utilizado.

Os preços médios, em nível de produtores, na atual comercialização, por sua vez, giraram ao redor dos Cr$ 5.000/saca de 60 kg, o que, comparado com o custo de Cr$ 3.300/saca, apontado pela Fecotrigo, representa um retorno da ordem de 52%.

Nesse sentido, quem plantou e conseguiu colher soja e, mais ainda, pôde espaçar a comercialização de seu produto, de modo a se beneficiar das altas de preços, a partir de julho, obteve ótimos ganhos.

De agosto em diante, os produtores reiniciaram a sua movimentação, tendo em vista o plantio da próxima safra de verão.

Este ano, à semelhança de 1980, vem ocorrendo uma prolongada seca nas regiões produtoras norte-americanas conforme referido anteriormente. Em conseqüência disso, as cotações em Chicago iniciaram um acentuado movimento altista, depois de dois anos de preços comprimidos e apenas uma ligeira alta na safra passada, em razão da redução do plantio da soja, como reflexo do Programa de Pagamento em Produto *(PIK)* apesar da não-participação direta da soja no Programa (ver Quadros 15 e 16).

QUADRO 16 – SOJA EM GRÃO – COTAÇÕES MÉDIAS SEMANAIS NA BOLSA DE CHICAGO JULHO E AGOSTO DE 1983 – US$/BUSHEL

JULHO		AGOSTO	
Semana	Cotação	Semana	Cotação
De 4 a 8	621,19	De 1 a 5	755,85
De 11 a 15	641,50	De 8 a 12	800,50
De 18 a 22	688,55	De 15 a 19	869,63
De 25 a 29	700,95	De 22 a 26	885,40

FONTE – Unicom News.

QUADRO 15 – SOJA EM GRÃO – COTAÇÕES MÉDIAS MENSAIS NA BOLSA DE CHICAGO 1981 A 1983 – US$/BUSHEL

MÊS	1981	1982	1983
Janeiro	747,90	632,78	585,38
Fevereiro	731,25	623,64	591,76
Março	735,22	614,99	593,86
Abril	773,11	650,24	638,11
Maio	752,58	656,70	626,81
Junho	709,46	626,64	607,72
Julho	728,63	619,09	663,61
Agosto	694,78	598,80	832,74
Setembro	649,60	590,46	
Outubro	630,40	589,36	
Novembro	630,63	567,58	
Dezembro	623,02	567,34	

FONTE – Unicom News.

Preços que superam os US$ 8,50/*bushel*, quando, há um ano atrás, situavam-se abaixo dos US$ 6, estão ofuscando, como não poderia deixar de ser, todas as demais ponderações que influem na decisão de plantio do produtor.

Desse modo, apesar de o VBC do milho, concorrente da soja em área nos últimos anos, ter sido reajustado em 145% enquanto o da soja o foi em média em 130%, ao mesmo tempo em que a oleaginosa recebeu um acréscimo de preço básico substancialmente inferior ao do arroz, algodão e milho, é pouco provável que a área da soja apresente redução.

Sem dúvida, os instrumentos de política agrícola assumem maior importância quando os preços se encontram deprimidos. Neste caso, o estímulo através de um VBC mais elevado ou de um preço mínimo remunerador para uma cultura concorrente pode ser fator de redução da área de plantio. Contudo, diante da atual perspectiva de preços no mercado externo, que permite projetar uma média de Cr$ 25.000/saca de 60 kg de soja em maio de 1984, é fácil supor que o pregão da Bolsa de Chicago atrairá mais a atenção do que os sinalizadores internos.

Isto porque, esse valor é quatro vezes maior do que o preço recebido este ano e praticamente o do-

bro do custo total de produção, segundo a Fecotrigo.

O problema central, no momento, é saber se os atuais níveis de preços se sustentam. A safra de soja dos EUA foi estimada pelo USDA em 41,8 milhões de t, 20,2 milhões de t menor do que a de 1982. Esse número está baseado na avaliação de 1º de setembro e é 8,4 milhões de t menor do que o estimado a 1º de agosto pois, durante esse mês, a situação das lavouras se agravou com a insuficiência de chuvas atingindo as plantas numa fase crítica de seu desenvolvimento, a floração.

Passados os meses de maior nervosismo em Chicago (julho e agosto), as cotações poderão mostrar algum refluxo. É certo, contudo, que venham a se estabilizar bem acima dos US$ 5,57/*bushel* da atual safra e provavelmente num patamar superior aos US$ 6,50/*bushel* projetados pelo USDA, em julho, como preço médio para 1983/84.

Vale lembrar, ainda, que o nível de preços ao qual será comercializada a próxima safra não depende só do volume da produção norte-americana. São determinantes, também, os estoques mundiais em primeiro de setembro último, e a evolução da demanda por soja e seus derivados. O ano comercial internacional recém iniciou-se, segundo o USDA, com um volume elevado de estoques — 19,5 milhões de t de grão — e uma projeção de crescimento da demanda de apenas 1%, ambos atuando como freio às cotações.

A médio prazo, o eventual enfraquecimento do dólar norte-americano frente às demais moedas fortes e a retomada do crescimento econômico nos países europeus poderiam gerar um incremento substancial na demanda por farelos proteínicos. Mais adiante, o declínio de 8% previsto para a produção de oleaginosas, em geral, poderia reduzir os estoques em setembro de 1984 a 7,8% do consumo. Trata-se da menor relação deste 1972/73, ano em que ocorreram drásticas elevações nos preços dos cereais e dos grãos comestíveis. Ainda a título de comparação, esta relação se situa em 14% este ano e era de 12% um ano atrás.

Todos esses fatores, analisados conjuntamente, parecem sugerir que a elevação recente dos preços da soja não deverá ser vista como essencialmente conjuntural.

É importante ressaltar que os problemas que hoje se configuram na produção das várias oleaginosas afetarão mais a oferta de óleos do que a de farelos. O declínio da produção dos óleos de coco e dendê, nas Filipinas e na Malaísia, representará uma firmeza maior dos preços desse grupo do que dos preços dos farelos. Até porque, os farelos, em seu conjunto, são mais facilmente substituíveis entre si, além de contarem com a possibilidade de sua substituição por outros produtos alimentícios. Mais ainda, o consumo de farelos depende da rentabilidade do setor de carnes, que não vem apresentando uma boa evolução, em especial na Europa Ocidental.

Este fato faz com que sua demanda sofra oscilações mais bruscas do que a dos óleos, segmento detentor de pequenas mas firmes taxas de crescimento anuais. Isto porque a demanda deste último mercado apresenta uma elasticidade-preço menor do que a do grupo de farelos.

Em relação ao Brasil e aos setores ligados ao complexo soja, no país, trata-se de tirar partido dessa conjuntura externa favorável, depois de um largo período de margens de esmagamento industriais e de preços de exportação declinantes.

Até agora, procurou-se especular em que conjunturas interna e externa se formariam as intenções de plantio da próxima safra de verão. Apesar do balanço bastante positivo para a soja, evidentemente esta cultura não se constitui numa ilha de tranqüilidade no mar revolto da economia e da agricultura brasileiras. Com efeito, os custos de produção tiveram aumentos consideráveis. A Fecotrigo reivindicava para a safra 1983/84 um VBC da ordem de Cr$ 126 mil, 152% maior do que o pedido há um ano. No entanto, esse valor foi reajustado em 129%, na faixa de produtividade de 1.251 a 1.500 kg/ha, ao mesmo tempo em que a parcela do custeio atendida pelo VBC, no caso dos médios produtores, segundo o estudo elaborado por aquela Federação, teria caído de 40% na safra 1982/83 para 38% em 1983/84, como conseqüência da redução do percentual financiado a juros subsidiados.

Mesmo sabendo que se projetam bons preços na próxima safra, a principal preocupação dos produtores, no momento, é conseguir recursos para a formação de suas lavouras. O endividamento junto aos bancos passa a ser cada vez mais necessário, na medida em que se movimentam grandes volumes de recursos. Isto ocorre num momento em que, pela primeira vez, o produtor não sabe antecipadamente qual a taxa de juros a pagar pelo empréstimo que vier a tomar.

É razoável supor que os agricultores tentarão comprimir ao máximo suas despesas nas lavouras, coerentes com a Circular 706, do Banco Central, que desobriga a utilização dos chamados insumos modernos e, talvez, premidos pela falta de recursos que poderá ocorrer, se forem mantidos os limites de expansão do crédito agrícola em relação ao ano anterior — 95% no conjunto dos bancos comerciais e Banco do Brasil e, apenas 85%, no caso específico do Banco do Brasil.

Diante dessas restrições, fala-se numa redução na produtividade média das lavouras. Essa é uma questão extremamente controversa. Na verdade, os efeitos da Circular 706 passarão a ser conhecidos a partir de 1984, principalmente no caso das sementes. Isto porque, apesar da não obrigatoriedade do uso de insumos modernos estar em vigor desde 1983, naquele ano os produtores ainda não teriam tido tempo de guardar grãos para sua utilização como semente, o que foi possível a partir da útima safra. Esse fato desestimulou a produção de sementes fiscalizadas para o plantio, em 1983/84. As chuvas de maio, por sua vez, encarregaram-se de reduzir ainda mais a oferta desse insumo, principalmente das variedades de ciclo médio e tardio.

Em contrapartida, a mesma Circular 706, que provocou a redução na oferta, ocasionará um aumento na disponibilidade de sementes próprias em todas as regiões produtoras, o que pode, de certa forma, contrabalançar as acentuadas perdas da produção de semente fiscalizada no Rio Grande do Sul. Até o momento, não há avaliação da disponibilidade total deste insumo, nos diversos estados. Para reduzir o déficit, no entanto, passou-se a aceitar grãos de teor germinativo abaixo de 90% e, mesmo assim, seus preços estão bastante elevados.

Uma saca de semente está valendo algo em torno de Cr$ 25.000/50 kg enquanto, há um ano atrás, poderia ser adquirida por Cr$ 4 mil. Esse preço elevado é, sem dúvida, conseqüência da redução da oferta, mas é necessário considerar que as boas perspectivas delineadas para a próxima safra de soja causaram uma intensificação da procura.

Em termos de área a ser plantada com soja, dependendo, é claro, da disponibilidade de sementes, há uma tendência de acréscimos em detrimento do milho, do algodão e do arroz. A razão principal são os preços previstos para a comercialização da próxima safra, conforme exposto anteriormente. Por esse motivo, é possível que a soja reconquiste espaços perdidos para o milho, no Sul, nas últimas safras, quando sua rentabilidade esteve comprimida. Além disso, a escassez de sementes de algodão no Paraná provocará um retração do seu cultivo.

No caso do aumento de área nos estados centrais, um estímulo adicional são as elevadas produtividades médias alcançadas em 1983. No Mato Grosso, atingiu-se os 2.060 kg/ha contra 1.881 kg em 1982. Em Mato Grosso do Sul, o rendimento médio foi de 1.986 kg/ha, 9% maior do que o obtido na última safra.

Cabe ressaltar, ainda, que esses números são superiores à média do país nos mesmos anos (1.784 e 1.565 kg/ha em 1983 e 1982, respectivamente) o que provavelmente compensa a distância entre essas áreas produtoras e os centros de processamento (São Paulo, em especial).

Por tudo isso, é possível formular a hipótese de um ligeiro crescimento da área total plantada com soja. Se for possível uma expansão da ordem de 1% em relação à 1982/83, a área de soja superará ligeiramente os 8,6 milhões de hectares. Quanto à produtividade média a ser alcançada na próxima safra, poderá haver um decréscimo em relação ao resultado de 1983 quando, apesar das quebras, foram atingidos 1.784 kg/ha. Isto porque, a intensificação do uso de sementes próprias, ou de sementes fiscalizadas com um menor poder germinativo, possivelmen-

te afetará de forma negativa os rendimentos físicos por hectare. Se a título de projeção considerar-se esses rendimentos em torno dos 1.750 kg, poder-se-á obter uma produção de 15 milhões de t, no mesmo patamar da maior safra já colhida no país, 15,2 milhões de t, em 1980.

Uma safra dessa magnitude poderia render ao país, em 1984, US$ 2,9 bilhões, conforme indicado no Quadro 17. A elaboração dessa estimativa levou em conta a exportação de 1 milhão de t de grãos e uma reserva para sementes igualmente de 1 milhão de t. A partir daí, considerou-se que a moagem de 13 milhões de t de soja geraria excedentes exportáveis de farelo e óleo de ordem de 7,8 milhões de t e 800 mil t, respectivamente. Para a elaboração do cálculo, foram utilizados os preços médios que o Departamento de Agricultura norte-americano está projetando para a safra 1983/84.

Trata-se, é claro, de uma projeção inicial, pois, só quando for conhecida a verdadeira dimensão da quebra da safra dos EUA, é que se terá uma idéia mais concreta do patamar de preços do complexo soja nos próximos doze meses.

Para o Brasil, configura-se uma situação bastante favorável, no plano externo. Resta saber o que isso significa, em termos de preço, para o consumidor doméstico.

QUADRO 17 – BRASIL – COMPLEXO SOJA – PROJEÇÃO DA RECEITA DE EXPORTAÇÕES NO PERÍODO 1984/85

ESPECIFICAÇÃO	QUANTIDADE EXPORTÁVEL (1000 t)	PREÇO MÉDIO (US$/t)	VALOR US$ Milhão)
Grão	1.000	330	330
Farelo	7.800	264	2.059
Óleo	800	683	546
TOTAL	–	–	2.935

Fonte dos dados brutos – USDA